REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	—$—	—$—

10.º ANNO — VOLUME X — N.º 309

21 DE JULHO 1887

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Portugal teve agora mais uma vez a honra de receber a visita de Sua Magestade o Imperador do Brazil.

Infelizmente, d'esta vez, essa visita não é tão alegre, tão festiva, como as anteriores, porque é motivada por uma triste causa.

Sua Magestade o sr. D. Pedro II, padece ha muito tempo de uma enfermidade, que ultimamente se aggravou, chegando mesmo a inspirar serios cuidados, a sobresaltar os seus subditos e a originar lugubres boatos, que chegaram até Lisboa.

A robustez do Imperador, porém, desmentiu os sinistros vaticinios, que o seu estado inspirava, e esse estado sem ser ainda de todo satisfatorio, melhorou muito, a ponto de permittir, ao augusto enfermo, o emprehender a longa viagem á Europa, para consultar os medicos mais afamados da França e da Allemanha, e procurar, nas aguas europeas, alivios aos seus males.

A viagem do imperador, porém, não foi do agrado de todos os seus subditos, e principalmente muitos medicos brazileiros protestaram, em nome da sciencia, contra essa viagem, que acharam intempestiva e prejudicial.

Nos jornaes do Rio de Janeiro, ultimamente chegados, encontrámos nas *Publicações a pedido*, uma secção muito em voga nas folhas fluminenses, numerosos artigos firmados por medicos, contendo violentas aggressões aos seus collegas, por aconselharem ao imperador esta viagem á Europa.

E um dos argumentos que elles empregam é que, padecendo Sua Magestade, alem das suas antigas enfermidades, d'umas febres de intoxicação palustre, a sua vinda á Europa sob o dominio d'essas febres é inhabil, porquanto sendo essas febres perfeitamente endemicas, molestias locaes do Brazil, os medicos europeus são muito menos aptos para tratar d'ellas, do que os medicos brazileiros, muito habituados a combater essas febres, e a triumpharem d'ellas.

Entretanto apezar das encontradas opiniões dos medicos, Sua Magestade o Imperador, emprehendeu a viagem, e parece que não se deu tão mal como isso, porque passou melhor durante a travessia do Rio a Lisboa, e chegou aqui n'um estado muito satisfatorio.

O augusto soberano do Brazil está um pouco mais abatido do que da ultima vez que o vimos em Lisboa, mas não tem de fórma alguma a apparencia d'um homem muito doente.

Na sexta feira 15 á tarde, Sua Magestade chegou ao Tejo, a bordo do paquete da carreira transatlantica em que veiu—porque D. Pedro II, fiel aos seus habitos democraticos e modestos, viaja incognito e sem apparato algum.

As fortalezas e os navios de guerra deram as salvas do estylo, e el-rei D. Luiz foi buscar a bordo o seu augusto tio, e conduziu nas galeotas reaes para o Arsenal da Marinha, onde Sua Magestade a rainha, o esperava.

O imperador viaja sempre acompanhado pela sua inseparavel companheira, sua magestade a imperatriz, e pelo seu neto o principe de Saxe.

Na sua comitiva que é muito restricta vem o seu medico particular, o sr. dr. Matta Maia, que passa por uma das summidades medicas do Brazil.

Era quasi noite, quando os nossos augustos hospedes sahiram do Arsenal da Marinha na companhia da familia real portugueza.

Apesar de não haver apparato algum de recepção official, porque o imperador o não quiz, nas ruas do transito, era grande o numero de pessoas, á espera de suas magestades imperiaes.

El-rei D. Luiz como das outras vezes, instou com o seu augusto tio para que acceitasse hospedagem n'um dos palacios reaes, mas como das outras vezes, tambem, o imperador do Brazil se recusou a acceitar o convite, insistindo em ir, como qualquer particular, alojar-se no Hotel Bragança.

E para ahi foi e ahi esteve os tres dias que se demorou em Lisboa e para ahi voltará no regresso da sua viagem pela Europa, contando então demorar-se algum tempo entre nós.

O imperador do Brazil conserva, apezar da doença, todos os seus habitos madrugadores e toda a sua actividade prodigiosa, que se tornou legendaria das outras vezes, que o illustre hospede esteve em Portugal.

D. JOÃO REBELLO CARDOSO DE MENEZES

ARCEBISPO DE LARISSA, COADJUCTOR E FUTURO SUCCESSOR DO BISPO DE LAMEGO

(Segundo uma photographia de Camacho)

No dia immediato ao da sua chegada, ás seis horas da manhã, já D. Pedro II andava passeando a pé pelas ruas da cidade, vendo os melhoramentos que Lisboa tem soffrido desde a sua ultima visita, gostando muito das obras da Avenida, e elogiando immenso essa novidade que cá veiu encontrar, parando a conversar nos passeios e nos mercados com os guardas, como um simples passeante madrugador, curioso e tagarella.

Sua magestade que era muito amigo, mas amigo verdadeiro e sincero, de el-rei D. Fernando, um dos primeiros sitios que visitou em Lisboa foi o Pantheon de S. Vicente, demorando-se bastante tempo em frente do caixão, que encerra os restos mortaes do seu cunhado.

Depois o Imperador do Brazil visitou a viuva d'el-rei D. Fernando, com quem esteve conversando largamente.

No hotel Bragança o sr. D. Pedro II recebeu apenas as delegações da camara dos pares e da camara dos deputados, que o foram cumprimentar, a direcção da sociedade de geographia, e da Beneficencia brazileira.

Na noite de domingo 17, sua magestade partiu para Madrid, n'um comboyo especial, no salão real que el-rei D. Luiz pôz á sua disposição para fazer a viagem.

De Madrid o Imperador do Brazil segue para Paris e Allemanha onde se demorará, fazendo uso d'aguas, devendo voltar a Lisboa lá para o começo do inverno.

Então sua magestade se vier melhor, como é de esperar, se estiver já fruindo os resultados beneficos das aguas de Kalsbade, demorar-se-ha no nosso paiz, fará uma digressão ao Minho regressando ao Brazil só lá para o fim do anno.

Dando as boas vindas ao illustre hospede, que pela nossa terra passou, desejamos-lhe que encontre na sua viagem os alivios que procura, e que volte a Lisboa já restabelecido dos seus incommodos.

Em Lisboa não ha noticias importantes.

O verão continua o seu caminho, uns dias extraordinariamente quente, outros dias extraordinariamente ventoso, tão desagradavel d'um modo como d'outro, fazendo fugir da cidade toda a gente que tem algum dinheiro e que não tem obrigações impreteriveis, que o amarrem ao Chiado, á rua do Ouro e ao Terreiro do Paço.

Felizmente os lisboetas a quem as suas occupações não deixam arredar pé d'aqui, nem mesmo nos dias mais quentes de verão, teem agora um doce refrigerio — o caminho de ferro de Cintra.

Graças a esse grande melhoramento cada qual póde passar o dia util na capital, nas suas labutações quotodianas de secretaria ou d'escriptorio e depois, quando ás 4 ou 5 horas seus trabalhos terminam, em vez de se metter no americano e ir para a sua casa, mette-se no comboyo e vae jantar a Cintra, ao hotel Lawrence por exemplo, onde por oito tostões se tem um bello jantar á ingleza, excellentemente feito.

E depois passeia em Cintra e á noitinha torna a metter-se no comboyo, e regressa a Lisboa a preparar-se para na manhã seguinte voltar á *ses affaires.*

É esta a grande inovação d'esta estação calmosa, e que lhe adoça extraordinariamente os rigores, para todos aquelles a quem não é dado longas ausencias de Lisboa.

O comboyo vae d'Alcantara a Cintra n'uma hora, isto é, mais depressa do que se vae de Belem ao Intendente em americano. Ha muitos comboyos ascendentes e descendentes a diversas horas o que evita grandes agglomerações de passageiros que tornam sempre as viagens incommodas, como por exemplo o são os viagens a Cintra aos dias santos domingos e suas vesperas.

La n'esses dias não aconselhamos aos nossos leitores esses passeios, mas ao dia de semana não lhe podemos indicar em Lisboa passeio mais commodo, mais agradavel e mais economico.

Em Lisboa as noites de verão que se annunciaram tão insipidas, com a demolição do Colyseu, não teem sido por emquanto tão feias como se pintaram.

O colyseu não foi abaixo ainda; a sua hora suprema tem tido uns addiamentosinhos que a emprezaria lyrica madame Juliette Helder, de quem já aqui fallámos, tem aproveitado para dar uns espectaculos com a sua pequena troupe d'opera italiana.

Até agora há só duas operas representadas — o *Ernani* e a *Favorita*. Não temos podido assistir a ellas; não podemos portanto dar opinião nossa sobre o desempenho d'essas obras, mas o que podemos desde ja affiançar é que deve ser muito mais agradavel passar a noite a ouvir o *spirito gentil* de Donizetti, e o *o sono carlo* de Verdi, mesmo quando o seu desempenho não seja um primor, do que andar a passeiar ás escuras pelas praças publicas ou asphixiar dentro de casa.

E exactamente quando se pensava que o Colyseu ia acabar, e portanto que ia acabar o unico espectaculo que havia este verão em Lisboa, o Colyseu não acabou, e esse espectaculo desdobrou-se em dois.

A companhia de zarzuela que ali estava funccionando com successo, passou para o theatro da Trindade com igual successo, com mais ainda, graças ao *debute* do sr. Lamas, um rapaz muito conhecido pelas suas facecias, pelo seu bom humor, entre a *jeunesse dorée* de Lisboa, e que teve a boa idéa de se dedicar á vida de theatro, para a qual tem decidida e promettedora vocação.

E como que para nos dar animo para atravessar esta calmaria de divertimentos em que navegam estes mezes de verão, o sr. Campos Valdez accena-nos já de longe, com a terra da promissão, e apresenta-nos o elenco da companhia para a epocha lyrica que deve começar em outubro, um elenco delicioso, que promette maravilhas.

Cantoras: a grande Theodorini, a Cataneo, a Figuet, o contralto da Opera de Paris, a Oliva, dama ligeira, e a Schalchi por algumas noites. Cantores: o Talasac, o primeiro tenor da França, o Vergnet, e os nossos illustres compatriotas Francisco e Antonio d'Andrade.

E como se isto não bastasse ainda para nos fazer crescer agua na bocca, Campos Valdez annuncia mais seis recitas de Adelina Patti.

Quem nos faz o favor de nos transportar já ao mez d'outubro?

Gervasio Lobato.

D. JOÃO REBELLO CARDOSO DE MENEZES

ARCEBISPO DE LARISSA COADJUTOR
E FUTURO SUCCESSOR DO EX.^mo^ BISPO DE LAMEGO

APONTAMENTOS BIOGRAPHICOS

No dia doze de maio ultimo a celebre e antiquissima cidade de Lamego vestia-se de galla, para receber com todas as demonstrações de jubilo o illustre arcebispo de Larissa, D. João Rebello Cardoso de Menezes, coadjutor e futuro successor do venerando prelado d'aquella diocese.

Foi uma festa imponente e em tudo digna dos brios cavalleirosos d'aquella cidade fidalga, e do esclarecido e benemerito principe da egreja, que ia ali fixar a sua residencia.

O excellentissimo arcebispo de Larissa conta de edade cincoenta e cinco annos, incompletos; nasceu em Villa Real de Tras-os-Montes no dia 29 de outubro de 1832.

É filho de pais illustres e abastados; seu avô paterno foi cavalleiro professo da Ordem de Christo e o avô materno era *moço fidalgo* da Casa real e senhor de quatro morgados importantes, cujo herdeiro legal era o nobre arcebispo de Larissa.

Devido á primorosa e sã educação de sua mãe, o sr. D. João renunciou a todos os vinculos que lhe pertenciam, como morgado que era, e dedicou-se ao estado ecclesiastico, pois tal foi desde tenros annos a sua decedida vocação, e quiçá os ardentes desejos de sua virtuosa mãe, respeitabilissima senhora, que foi em verdade um modello das mães christãs.

Cursando com assiduidade e distincção as aulas de preparatorios no lyceu de Villa Real, e o curso theologico no seminario de Braga, o seu porte exemplarissimo e o seu aproveitamento distincto o classificaram como o mais notavel alumno, n'aquella época, d'esse importante estabelecimento.

Concluidos seus estudos, recebeu no dia 1.º de junho de 1855 ordens menores em Barcellos, ministradas pelo bispo de Leiria D. Joaquim Pereira Ferraz; D. José de Moura Coutinho, bispo de Lamego, conferiu-lhe a de subdiacono no dia 22 de dezembro do mesmo anno, e do arcebispo de Braga, D. José Joaquim d'Azevedo e Moura recebeu, em 20 de dezembro de 1856, a de diacono, e em 19 de setembro de 1857 a de presbytero.

Não pretendemos escrever a biographia completa do nobre antistite, que hoje rege a importante diocese lamecense; o nosso fim é apontar sómente os traços mais proeminentes da sua vida laboriosa, cheia de abnegações e sacrificios, e ao mesmo tempo de honrosissimas distincções, com que o governo e a Santa Sé tem galardoado os seus consecutivos e importantes serviços; por isso deixaremos de referir os relevantes serviços apostolicos que nos primeiros tempos, depois de ordenado, prestou na sua terra natal, em Villa Real; e em todo o reino e no archipelago dos Açores, durante os doze annos que exerceu com visivel aproveitamento dos fieis o espinhoso e ás vezes arriscado ministerio de missionario apostolico.

Depois d'este longo tirocinio, o novel presbytero, que pelas suas preclaras virtudes, profundo e variado saber era apontado como um dos mais notaveis sacerdotes da vasta archidiocese bracarense, senão de todo o paiz, foi chamado a Braga, e quasi que obrigado a assumir a direcção do importante seminario archiepiscopal d'aquella cidade, cuja reforma se tornára indispensavel e inadiavel.

O nivel scientifico e disciplinar a que chegou em breve tempo aquelle estabelecimento, sob a activa, illustrada e prudente administração do incançavel e prestimoso presbytero, consolidou-lhe a merecida reputação, que o seu zelo e altos dotes moraes e intellectuaes lhe haviam já grangeado, e que no desempenho d'aquelle laborioso e muitas vezes ingrato encargo se manifestaram com toda a sua pojança e incendido ardor.

Ainda que o seu zelo apostolico não visava senão o fiel e consciencioso desempenho dos seus deveres como sacerdote; se por sua abnegação e humildade não trabalhava com olhos cubiçosos de distincções e honrarias, ou de pingues prebendas e altos cargos, o exemplar presbytero, o incançavel missionario, o austero e atilado reformador do seminario bracarense viu-se como que constrangido, a acceitar resignado as merecidas honras e distincções com que á porfia cada um lhe queria manifestar o alto apreço em que eram tidos o seu saber e virtudes. D'este modo Leão XIII, o actual Pontifice, o nomeou seu capellão honorario *extra urbem* e lhe conferiu o titulo de Monsenhor em agosto de 1879; em outubro de 1880 foi nomeado desembargador honorario da relação ecclesiastica de Braga; e em fevereiro de 1881 S. Santidade houve por bem galardoar os seus importantissimos serviços nomeando-o Protonotario Apostolico e seu Prelado domestico.

Os ruidosos festejos com que na Roma portugueza se celebrou a noticia d'esta honrosissima distincção, mostraram de sobejo, quanto ahi era querido e admirado o activo e exemplar director do seminario archiepiscopal.

Na qualidade de examinador prosynodal, mostrou S. Ex.ª os vastos conhecimentos que possuia de toda a theologia, da moral e direito ecclesiastico; como director do jornal a *Semana Religiosa Bracarense* manifestou larga copia de profundos conhecimentos em todos os variados ramos das sciencias ecclesiasticas, a par da sua edificante prudencia e atilado criterio.

Escreveu tres obras qual d'ellas mais util e importante: *o Codigo Penal da Egreja*, que é um admiravel commentario da constituição *Apostolicae Sedis*, — *Os Seminarios* e um *Ceremonial*.

Por iniciativa sua e com a valiosa coadjuvação do ex.^mo^ arcebispo resignatario D. João Chrysostomo, conseguiu obter a concessão do extincto convento das Ursulinas, e para elle mudou o seminario, pois que o arruinado e lobrego edificio em que se achava não tinha nenhuma das condições exigidas em estabelecimentos d'esta natureza.

O governo de S. M. não quiz deixar tambem sem premio condigno os trabalhos apostolicos, e profundamente sociaes, de tão illustre sacerdote: a 10 de setembro de 1884 notificou-lhe a sua nomeação para Arcebispo e Vigario Geral do Patriarchado. Instaurado o respectivo processo, a confirmação não se fez esperar, acompanhada de recommendação expressa de Sua Santidade ao seu representante n'este reino, para lhe não acceitar qualquer escusa do elevado cargo em que acabava de o confirmar. Rogos, supplicas, pretextos de incompetencia, etc., tudo foi baldado; o Santo Padre ordenava, nada lhe restava fazer senão resignar-se, obedecer.

No dia 7 de dezembro de 1884, monsenhor João Rebello foi sagrado arcebispo de Mitylene, na formosa egreja do seminario patriarchal de Santarem; foi sagrante o em.^mo^ sr. Cardeal Patriarcha e assistentes os ex.^mos^ arcebispo bispo do Algarve D. Antonio Mendes Bello e bispo de Macau, D. Antonio Joaquim de Medeiros. Logo depois Sua Santidade

lhe conferiu o grau de Doutor na sagrada theologia, por diploma de 16 de dezembro de 1884.

Entrando no desempenho das suas novas e arduas obrigações, como Provisor e Vigario Geral do Patriarchado, tornou-se desde logo querido do clero e mais pessoas que com elle tratavam, pela affabilidade e lhaneza com que recebia e attendia a todos. Valeu a bastantes infortunios, preveniu e remediou não poucas miserias; evitando subir á soberba regidez, que escandalisa e affronta, e descer ao patronato vicioso, que desauctorisa e deslustra a grave missão de juiz: era segundo a phrase do Evangelho, *incansavel obreiro da vinha do Senhor;* no desempenho das multiplas e laboriosas obrigações dos seus elevados cargos, bem como no dos seus deveres como ministro da egreja e Prelado modello, prégando, confessando, doutrinando, fazendo ordenações, chrismando, emfim, coadjuvando o parocho da egreja onde celebrava quotidianamente, em tudo quanto era mistér! Maior zelo, melhor boa vontade, mais humildade e desprendimento d'isso que se chama vaidade e vangloria mundana, hade ser raro encontrar-se n'estes tempos de egoismo fatuo e cynicamente soberbo.

Como orador sagrado deixou n'esta capital as mais saudosas recordações, e um vacuo difficil de preencher. Os parochos e irmandades que pretendiam celebrar com mais pompa as festividades religiosas, as egrejas conventuaes e confrarias pobres, que não tinham esmola para retribuirem aos prégadores, iam ter com o incansavel e caritativo arcebispo de Mitylene e... o orador não faltava, era elle que «reconhecido agradecia o honroso convite». Era a phrase habitual de manifestar a sua annuencia. Dias houve que teve de prégar em três ou quatro egrejas, sem que por isso se mostrasse fatigado ou aborrecido.

No vasto e magestoso templo de S. Vicente de Fóra fez sua ex.ª, durante a quaresma dos tres ultimos annos, magnificas conferencias religioso-philosophicas que lhe mereceram justos elogios de importantes homens de letras, que iam ouvil-o attrahidos pelo que constava ácerca da sua erudita, primorosa e vernacula eloquencia.

A despedida de sua ex.ª foi uma manifestação imponente; grata e indelevel recordação devia ella imprimir no bondoso coração do preclarissimo prelado. Na *gare* do caminho de ferro, na occasião da partida de sua ex.ª, vimos cêrca de 300 pessoas, representando todas as classes sociaes da capital; desde o humilde presbytero e modesto artista, até ao aristocrata de sangue, e o ex.mo Nuncio de Sua Santidade: vimos lá commerciantes, industriaes, altos funccionarios publicos, jornalistas, desembargadores e empregados da Relação e secretarias ecclesiasticas, alguns prelados que se achavam em Lisboa, etc.

O parocho e moradores da freguezia de S. Vicente de Fóra, que tantos serviços voluntarios e desinteressados lhe deviam, quizeram na despedida dar-lhe um testemunho da sua gratidão, offerecendo-lhe o retrato de sua ex.ª pintado a oleo, pelo habil pintor Christino, cujo trabalho, digamol-o de passagem, foi justamente elogiado por todos os que o viram.

Terminando este rapido esboço biographico, resta-nos pedir desculpa á illustrada empresa e redacção d'este excellente jornal, se porventura não podemos corresponder aos seus desejos entregando-lhe um trabalho mais perfeito e completo.

Lisboa 28 de junho de 1887.

Padre Luiz Pereira de Sampaio.

EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA DE BELLAS-ARTES

XIV EXPOSIÇÃO

Vimos ao fechar da porta, o que não é para admirar, porque ha muitos que não foram lá quando estava aberta; a exposição? sim.

Os liliputianos; as ratas sabias; o palacio encantado; a mulher turpilla, ou a gorda, e a gigante e a barbuda. Isso sim; custa dinheiro, mas diverte.

Pinturas nem de graça.

Depois, não se intende nada d'aquillo. Isto de vêr quadros é preciso intender; é como receitar mezinhas, fallar da politica, perscrutar nos astros...

E os olhos.

Não se sabe o que vêem, e d'ahi uma interrogação constante: «o que é isto, o que é aquillo, o que é aquelle outro?»

Uma cegueira completa; uma fadiga; uma massada.

Não se vae lá. A exposição. É o mais simples, o melhor, o mais tranquillo.

O estar aberta ou o não estar é o mesmo. E antes fechada, por que nos não perguntam por ella.

Pelo que, agora que ella se foi, o vir recordal-a, é um attentado á paciencia do leitor, mas o leitor não é d'esses, entretem-se um pouco com estas bugiarias. Foi tambem vêr a exposição, coube-lhe alguma sortesinha, trouxe de lá o seu quadrinho; é socio da Promotora ou amador platonico; interessa-se um poucochinho, e tanto nos basta para lhe impingirmos um bocadinho de prosa a respeito das pinturas, das esculpturas, das gravuras, de todos aquelles nadas que, em fraternal convivio, se exibiram sob os vetustos tectos do velho convento de S. Francisco.

Aquellas venerandas paredes, que foram testemunhas dos ultimos responsos e das ultimas refeições monasticas, assistem agora, no seu silencio de pedra, ao renascimento da arte que ha annos a esta parte se tem manifestado gloriosamente.

As paizagens terrosas, achocolatadas; os bacalhaus, as couves, as cenouras e as cebolas, modellos pacificos de uma geração de pintores, que os exploraram até á saciedade; as allegorias fabulosas, gosto dominante de uma epoca toda romantica, cederam o logar á paizagem flagrante em plena natureza, á historia positiva, ás scenas da vida real, á arte emfim despida das convenções que a agrilhoavam.

E os quadros já nos alegram porque são espelhos da natureza; e as esculpturas já nos orgulham porque são nossas similhantes. A vida palpita na téla ou no marmore, e o que por lá ainda nos apparece a recordar tristezas da arte, só serve para melhor contraste entre o passado e o presente.

Respeitemos tudo. As cans são sempre dignas de veneração. O erro só se conhece depois da emenda, e apesar d'isso ha reincidentes, sempre os houve, sempre os ha de haver; e os novos de hoje serão velhos amanhã.

Modas; sempre modas; umas logicas, outras aberrativas. As que ficam e as que passam.

Quem disse ainda a ultima palavra?

Posto isto, entremos.

A nossa attenção distrae-se para uma multidão de quadros. Cerca de tresentos, fóra as aguarellas; os desenhos a pastel, a lapis, a guache; as faianças; as esculpturas; as gravuras; os projectos de architectura; a galvano-plastia.

O nosso espirito alegra-se no meio de tanta actividade a reagir contra a indifferença.

Uma teima tenaz; uma verruma d'aço a perfurar ebano, cada volta uma esperança, se chega o fim um triumpho.

E os velhos com os seus montantes, e os novos com os seus floretes a esgrimirem. Cada qual no seu campo.

E assim vemos saltar toiros de papelão a desafiarem pachorrentos bois laboriosos; pobres pescadores gottosos até aos barretes a medirem-se com o sadio *Manuel da Horta;* enormes orgias de bonecada *historica* a contradançar diante da dôr do grande D. João II; inoffensivos mares algodoados que nos não atemorisam como as arrogantes ondas da *Barra de Faro.*

Uma confusão, que desnorteia. Uma amalgama liberrima, sem escolha previa, para não ferir susceptibilidades.

Ahi está tudo; se mais tivessemos mais lhes apresentavamos.

Vejam, e se nos perguntam porque é que tal ou qual quadro está aqui, a resposta é simples: —É porque veiu.

E d'este modo ninguem se poderá queixar senão depois. Os que viram; os que expozeram sem vêr.

A cada qual o que lhes pertence.

Esta liberdade permitte-nos tambem egual liberdade na nossa visita. Vamos por onde mais nos agrade.

Passemos a primeira sala, a segunda, a terceira, a ultima, e ao transpor a porta depara-se-nos na nossa frente uma grande téla escura, triste, lugubre. É um pedaço de historia de um rei que não do povo, um drama intimo de familia, em que o audaz rei D. João II, o grande democrata em pleno seculo XV, que triumphou de todos os obstaculos que se levantaram no seu caminho, só não poude triumphar d'este que a morte em seus braços lhe veiu depor aos pés, dizendo lhe cynicamente:—Salta por sobre este cadaver se és capaz; ahi está a tua successão.

Em Almeirim estava o rei e o principe seu filho, que disfructava as doçuras da lua de mel com a princeza D. Izabel de Castella, sua esposa havia sete mezes.

Na tarde do dia 12 de julho de 1491, o rei convidou seu filho a ir banhar se com elle no Tejo, mas D. Affonso recusou-se sob pretesto de estar ainda fatigado da caçada da vespera. O rei foi sosinho, e quasi ao dar a volta no terrado, olhou para traz e disse adeus aos noivos que d'uma janella do paço o seguiam com a vista; tanta ternura em tão duro peito, só amor paternal movia, e o filho não foi indifferente a esta demonstração.

Resolveu ir ter com seu pae. Montou um fogoso cavallo, e depressa alcançou o rei na Ribeira. Este embarcou, mas o principe continuou correndo no seu corcel, desafiando D. João de Menezes a que com elle corresse o *poreo.*

Iam ambos em vertiginosa carreira, quando D. Affonso cahiu e sobre elle o seu cavallo. Os fidalgos que o seguiam levantaram-n'o do chão, sem sentidos e o mais proximo onde o poderam recolher, foi em uma choupana de um pescador.

O dia declinava apressadamente, e as trevas em breve envolveriam a noite e os tristes corações do rei, da rainha, da princeza, dos fidalgos, do povo.

Sobre a pobre enxerga do pescador deitaram o corpo desfallecido do joven principe, e a ruim nova que depressa correu, depressa trouxe ao humilde tugurio a mãe afflicta, a esposa malograda, e logo apoz o rei inquieto, estupefacto ante o corpo inanimado de seu filho, o seu querido herdeiro, todas as suas esperanças, o limite das suas ambições.

É esta a situação representada no quadro que temos diante de nós. É este o tema que Ernesto Condeixa escolheu para o quadro de prova final dos seus estudos em Paris, como pensionista do estado.

Se no quadro ha toda a dôr que rodeou aquella grande desgraça, isso só depende dos olhos com que o virem. Se elle tem toda a realidade cruel do triste caso, perguntem-n'o a quantos o tem visto, e estamos certos que ninguem terá despregado os olhos d'aquella téla sem que os sinta ligeiramente humedecidos.

A scena é de si tão dramatica que o artista escusava bem de dramatisar ainda mais o protogonista d'aquelle drama, para nos evidenciar mais a sua personalidade n'aquella *pose* estudada, pouco natural de D. João II.

Se o artista o fez de proposito, enganou-se. Está n'isto o principal defeito da sua obra. Os outros defeitos que a critica já tem apontado são de pouca importancia, e devem ser atribuidos mais á escacez dos recursos com que o pintor teve que fazer o seu trabalho, do que á ignorancia de o saber fazer melhor.

Fallam-nos de desproporção entre a figura do pescador que está no primeiro plano, e as figuras que se vêem nos outros planos incluindo a de D. João II.

Nas obras dos grandes mestres poderiamos apontar eguaes defeitos, e estes como muitos outros, só se vêem depois da obra concluida.

A prespectiva não é a principal recommendação de muitos quadros notaveis, e embora os mathematicos da arte se exasperem, nem por isso muitos grandes pintores se tem rendido obedientes.

A correcção de cada figura é uma qualidade apreciavel; a harmonia da composição, uma condicção essencial; o sentimento da situação, o fim principal da creação do artista.

Depois fallem-nos de colorido, de veludos, de sedas, que tudo isto bem pintado não dá correcção, não dá harmonia, não dá sentimento.

Uma boa pintura nem sempre é um bom quadro. Uma boa pintura póde agradar aos olhos; um bom quadro agrada ao coração.

As duas cousas reunidas é uma obra prima.

Se Condeixa não conseguiu tudo, conseguiu bastante. A pintura historica não abunda tanto em nossas galerias, que nos não alvorocemos com o vermos reproduzidos na tela os factos mais notaveis da historia. E melhor ainda se essas reproducções nos não envervonham, nos revelam algum talento, algum estudo, alguma consciencia.

Que não fique n'isto o artista.

Lupi tambem fez o seu D. João de Portugal, e depois?

Retratos, retratos muito bons, mas retratos.

O burguez prefere o seu retrato, o da esposa, o dos filhos imberbes, á figura grandemente sympathica do Mestre d'Aviz ou do Infante D. Henrique.

A vaidade propria antes da vaidade nacional. Eis porque se não faz pintura historica. Eis

EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA DE BELLAS-ARTES

CAMPINO

(Quadro de Silva Porto)

EM DEZEMBRO

(Quadro de J. Vaz)

CREPUSCULO

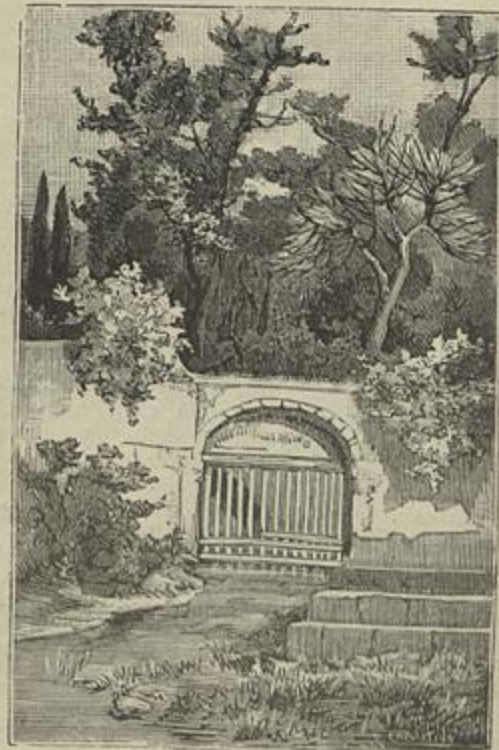
(Quadro de F. Villaça)

(Desenhos por J. R. Christino)

EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA DE BELLAS-ARTES

EM FINS DE DEZEMBRO
(Quadro de C. Xavier)

PÔR DO SOL, TEJO
(Quadro de Jeronymo Banhos)

MOINHO, NO SEIXAL
(Quadro de José Queiroz)

PAIZAGEM, EM QUELUZ
(Quadro de Baeta)

(Desenhos de J. R. Christino)

porque Lupi pintou retratos, e morreu quando pintava o seu segundo quadro historico.

Seria enguiço?

Eis porque Condeixa tambem já pinta retratos, muito bons, principiando pelo seu que lá estava exposto na terceira sala.

É o cartão de visita deixado á burguezia. A historia que se lhe ponha pedra em cima. Ficará para outro que venha d'aqui a annos.

E é para isto que se subsidiam pintores de historia, para depois os condemnar a fazer retratos, á mingua de quem se dê á extravagancia de gastar uns centos de mil réis em algum quadro historico, que recorde passadas glorias, rasgos patrioticos, feitos heroicos, que constituem o orgulho d'um povo.

Ninherias.

E agora não fiquemos aqui.

Parabens a Condeixa e voltemos para a esquerda, onde um retrato de corpo inteiro nos está attrahindo fortemente, com o poder das grandes télas, em que o artista se espraia, em que a natureza vive.

(Continúa.) *Xylographo.*

ANTONIO LOPES MENDES

E O SEU LIVRO «A INDIA PORTUGUEZA»

(Continuado do n.º 308)

PRIMEIRA ENCARNAÇÃO. *Matsá avatar.*—Vishnú, encarnado em peixe, desce aos abysmo do mar para recuperar os Vedas, que o gigante *Sancassur* havia roubado a Brahmá. Depois de o ter encontrado e vencido, rasga-lhe as entranhas, d'ellas lhe extrahe os Vedas que havia engulido, e traz comsigo o buzio, *Xenco,* em que se tinha transformado o Sancassur, para lhe servir de buzina, quando tiver de convocar os homens a juizo final na dissolução do universo. Succedeu isto quando o somno de Brahmá causou a destruição do mundo por meio do diluvio. Contam os gentios goanezes que, em quanto Brahmá dormia, se lhe approximou Sancassur, e roubou os Vedas, que lhe saíam da bôca. Então o vigilante Vishnú transformando-se em enorme peixe, e apparecendo ao piedoso rajah Satiavrata, disse-lhe: «Dentro em sete dias os tres mundos perecerão submergidos; mas no meio das devastadoras tempestades surgirá uma grande barca, que eu mesmo dirigirei, e que aportará diante de ti. Introduzirás n'ella toda a especie de plantas, de sementes, e um casal de animaes de cada especie, entrando tu depois com tua mulher e filhos. Quando a ventania açoitar a barca, agarra-te ao meu chindim, e conserva-te n'essa posição até que Brahmá desperte. Assim aconteceu; e depois de retiradas as aguas dos *Gattes* e de Vishnú destruir o terrivel Sancassur, voltou para o Vaikuntá, aonde reside.

Este acontecimento é ainda representado na festividade denominada *Caló,* que os gentios celebram annualmente em quasi todos os pagodes da India portugueza nos mezes de novembro ou dezembro, apparecendo em scena as figuras de Brahmá, Vishnú e do gigante Sancassur.

SEGUNDA ENCARNAÇÃO. *Curma avatar.*—Vishnú transforma-se em tartaruga. Na grande revolução do mar, denominada *Samudra mantan,* reuniram-se os deuses e os gigantes para se apoderarem das quatorze preciosidades ou rotnãs, de que já fizemos menção.

Dizem os hindús que por esta occasião, estando a terra em risco de ser sepultada nos abysmos por muitos terremotos, Vishnú, encarnado em tartaruga, como mostra a estampa, metteu-se no fundo das aguas, e sustentou a terra sobre o dorso, para a salvar de tão imminente perigo.

TERCEIRA ENCARNAÇÃO. *Varah avatar.*—Para castigar o gigante *Doite-Hiraneakxa,* seu inimigo, que infestava a terra com o seu poderio, e tinha emalado o mundo levando-o debaixo do braço para o inferno, Vishnú tomou a fórma de um javali, e luctando com o gigante, segurou o mundo nos dentes.

QUARTA ENCARNAÇÃO. *Naraxium avatar.*—Para destruir o gigante, *Hiraneacassiopa,* encarnou Vishnú a quarta vez, ficando meio homem meio leão. Tinha este gigante abusado do privilegio, que lhe haviam concedido os deuses de não poder ser morto senão d'uma maneira extraordinaria, impraticavel pelos homens, animaes e elementos. Ensoberbecido com tão altos privilegios, fazendo-se obedecer e temer no seu reino, quiz até que o adorassem como Deus. Supplicaram os deuses a Vishnú que o exterminasse. Vishnú fez com que a mulher do gigante concebesse *Praladó,* o qual, logo depois do seu nascimento, começou a articular o nome de *Narayana.* Não queria Hiraneacassiopa que seu filho pronunciasse aquelle nome; convencido, porém, da desobediencia, ordena-lhe que tomasse o veneno que lhe offerece. O filho toma-o, repetindo o nome de Narayana, sem que o veneno produzisse effeito. O pae então pergunta-lhe, onde está o seu deus Narayana?

—Está no mundo, responde Praladó, e em todas as cousas n'elle existentes.

Pergunta-lhe mais se tambem estava em uma columna de granito, que lhe indica; e dada a resposta affirmativa, o gigante em signal de desprezo, dá um pontapé na columna, que, abrindo-se verticalmente, deixa saír Vishnú encarnado em homem-leão que acommette o gigante, abre-lhe o ventre, e, arrancando-lhe os intestinos, faz d'elle um collar, que usa ao tiracolo do hombro esquerdo para o lado direito, como em triumpho d'esta victoria. Em seguida colloca o cadaver de Hiraneacassiopa sobre a palma da mão esquerda, e ali o queima até ficar reduzido a cinzas.

QUINTA ENCARNAÇÃO. *Vâmana avatar.*—Querendo Vishnú acabar por uma vez com o poder insupportavel e desmedido orgulho de rei Bally, encarnou n'um brahmane pigmeu, chamado Vâmana, e dirigindo-se ao rei, pediu-lhe que lhe doasse tres pés de terreno para construir uma cabana. O rei em ar de zombaria concedeu-lhe o terreno pedido, ratificando a concessão por meio da aspersão de agua nas mãos, que é tambem um dos juramentos praticados entre os gentios. De repente Vishnú, reassumindo o seu divino poder, cobre a terra e o céu com um pé, e collocando o outro sobre o dorso de Bally precipita-o nos profundos abysmos do mar.

SEXTA ENCARNAÇÃO. *Purisseramo avatar.*—Sendo insupportavel o poder do imperador *Soasrarjum* da casta dos kxatriás, que déra a morte ao botto Jemadaguim e a muitos dos seus vassallos, Vishnú para libertar a terra d'este tyranno, que tinha numerosos braços, encarnou em *Purisseramo;* matou o imperador; offertou ao brahmane Cassiopa, por ser o mais digno, a terra conquistada, e retirou-se para as montanhas *Saiadris* ou *Gattes,* onde pretendia viver. Tornando-se, porém, ingrato Cassiopa, não consentiu que seu protector continuasse a habitar nos Gattes, e por isso Purisseramo pediu a *Váron* ou *Somudró,* deus do mar, que retirasse as suas aguas, e deixasse a descoberto a porção de terreno, que a sua seta podesse percorrer, para n'ella fixar a sua residencia. Váron consentiu; porém, mudando logo de resolução com o receio de perder uma grande parte dos seus dominios se a *banna* (seta) fosse despedida com vigor, rogou ao deus da morte que se transformasse em *cariá,* para corroer o arco, a fim de que, partindo-se no acto da impulsão, não arremessasse para longe a seta.

Purisseramo, notando que Váron tinha má vontade em o servir, solta do seu arco com energia, para o castigar, a terrivel seta, que apenas vae cair em Benaulim de Salcete, por se haver quebrado o arco. Váron, surprendido, afasta-se, e deixa a descoberto a faxa de terra, que se denomina Concão. Foi assim, dizem os mythologistas goanezes, que teve origem a costa occidental da India ou do Malabar, e principalmente o Concão, desde o extremo meridional da peninsula de Guzerath até Cabo de Rama, pois que esta zona indiatica estava antes submersa, e o mar tocava as altas montanhas dos Gattes, como se conhece pela existencia de conchas petrificadas, que ali se encontram entre as estratificações das rochas.

Os chitaris pintam Purisseramo de côr verdemar, de aspecto alegre, armado de arco e frecha, só com dois braços, em logar de quatro, que têem todas as figuras de Vishnú, exceptuando tambem a de Ramá, que se segue na setima encarnação, e a de Vâmana, que é a quinta precedentemente descripta.

SETIMA ENCARNAÇÃO. *Ramá avatar.*—A setima encarnação de Vishnú foi em homem, com o nome de Ramá, Ramachondrá ou Raghupaty, para destruir o gigante Ravona, que tinha dez cabeças e muitos braços, e se fazia adorar como Deus, sendo rei de Lancá, de que faziam parte a ilha de Ceylão e as costas vizinhas. Nasceu do rei de Aodhyá Daxaratha e Counsaliá; deixou a casa paterna, e com sua mulher Sytá e seu irmão Loxymoná se retirou para o deserto a fazer penitencia. Livrou a terra dos gigantes que a infestavam; salvou sua mulher Ahiloá, que, estando convertida em pedra, foi por elle restituida á fórma humana; chegou ás margens do Ganges, e estabeleceu os seus dogmas até Ceylão, onde teve varios debates com Ravona, que lhe raptou sua mulher Sytá. Para a recuperar, alliou-se com Vibhixenna, irmão de Ravona, com promessa de lhe dar o throno occupado pelo raptor de sua consorte.

Querendo realisar esta empreza, mandou construir por *Hanuman* e *Sugriva* uma famosa ponte de pedra, para do Cabo Comorim passar a Ceylão com um poderoso exercito de macacos commandados por Hanuman, seu chefe, a fim de aniquilar Ravona, com o qual se mede em renhido combate e o mata com uma seta. Recupera em seguida sua mulher Sytá; desempenha a promessa feita a Vibhixenna; retira-se para os seus dominios, onde succede a seu pae, e depois de onze mil annos de reinado, abdica a corôa em seus dois filhos.

C. A.

(Continua)

FONTES PEREIRA DE MELLO

XV

A 9 de maio de 1866 expediu o novo ministro da guerra a portaria que mandava estabelecer o campo de manobras de Tancos, e ordenava que em outubro se procedesse ás grandes manobras de outono. Com a actividade e energia que o distinguiam Fontes Pereira de Mello não se limitou a expedir esta ordem, mas tratou immediatamente de reunir as forças necessarias para que se iniciassem as grandes manobras. Em outubro de 1866 entrava no campo de Tancos, debaixo do commando do visconde de Leiria, uma divisão composta de tres brigadas de infanteria, uma de cavallaria, seis baterias de campanha e uma de montanha, o batalhão de engenheiros, trôpas de administração etc., tudo na força de 7:953 homens, 1:331 cavallos, e 30 bocas de fogo.

Para que essas tropas não apparecessem alli com os velhos armamentos na occasião em que a formidavel lucta, que teve o seu desenlace em Sadowa, mostrou á Europa a importancia do novo armamento adoptado pelo exercito prussiano, Fontes Pereira de Mello renovava completamente o armamento do nosso exercito, mandando comprar 5:000 espingardas Enfield, 8:000 carabinas e 2:000 clavinas Westley-Richards, dois milhões de cartuxos embalados para as carabinas e 500:000 para as clavinas, e successivamente, sem descançar um instante, introduzia importantes melhoramentos no arsenal do Exercito para fabrico de polvora; introduzia em diversas officinas as machinas mais modernas; mandava construir no mesmo arsenal 6 baterias de campanha de 0,m08, 2 de campanha e 3 de reserva de 0,m12 do systema francez, comprava cavallos e muares para serviço da artilheria e das equipagens militares.

No dia 1 de septembro, antes ainda de principiarem as manobras, apresentava Fontes o seu programma de reformas militares em um notavel relatorio a que o sr. Rodrigues da Costa no seu opusculo o *General Fontes Pereira de Mello* arrancou os seguintes paragraphos, que tambem transcrevemos:

«Limitado ao serviço de policia que lhe é improprio, dizia o novo ministro, e ao monotono e acanhado serviço de guarnição e de quartel, falta ao exercito tudo quanto é indispensavel em armamento e exercicio para o habilitar a desempenhar as mais nobres e elevadas funcções que pertencem á força publica de qualquer paiz...

«Levantar portanto o exercito ao nivel de si mesmo é uma justa aspiração dos militares, um direito e uma necessidade da nação e um dever do governo...

«Portugal não póde prescindir de um exercito permanente, mas não é preciso que elle attinja grandes proporções para garantir efficazmente a defesa nacional. Um pequeno nucleo em armas, uma boa reserva, a segunda linha e algumas fortificações devem ser os elementos constitutivos do nosso systema militar. Cumpre observar todavia que o exercito effectivo deve ser perfeitamente armado, disciplinado e instruido; que a reserva deve ter organisação e ser uma verdade, e que as fortificações devem pôr completamente ao abrigo de um insulto a capital do reino, a cidade do Porto, e mais alguns pontos importantes.»

Era este effectivamente o justo programma da nossa organisação militar nas suas linhas capitaes.

Para elle tenderam sempre os esforços do grande ministro, ao lado d'elle andaram outros e ainda hoje não está cumprido.

Para que o exercito tivesse o armamento, a instrucção e a disciplina necessarias organisou esse campo de manobras, que tão combatido foi, tomando-se para pretexto d'essas aggressões o não ter elle sido administrado tão convenientemente como seria para desejar. Mas, ainda que essa accusação fosse verdadeira, podia ella de qualquer forma attenuar a importancia d'esse consideravel melhoramento? E não se deviam descontar as despezas inevitaveis de todos os noviciados, os esbanjamentos que resultam da inexperiencia, e falta de fiscalisação que n'estas primeiras tentativas não se organisa logo, nem se póde organisar do modo mais conveniente?

Em 1866 tinham-se gasto com o campo de Tancos 232 contos de réis. Foi essa a grande arma da opposição. Alcunharam-se de despezas insensatas esses gastos, chamou-se a indignação do paiz sobre essas ridiculas fanfarronadas, como se dizia. Fontes Pereira de Mello, que nunca recuava diante das aggressões, mandava em 1867 repetir as manobras de outono que principiaram em setembro. O commandante do campo das manobras n'esse anno foi o general José Gerardo Ferreira Passos. As forças que ali se reuniram constavam de duas brigadas de infanteria, cada uma composta de dois regimentos de infanteria de linha e um batalhão de caçadores, de uma brigada de cavallaria composta de dois regimentos, de tres baterias de artilheria, sendo duas de campanha e uma de montanha, do batalhão de engenheiros e dos serviços de saude e de administração militar. Elevava-se esta força approximadamente a 6:000 homens.

No outono de 1868 já Fontes Pereira de Mello não estava no ministerio. Não se renovaram, é claro, as manobras de outono, e nunca mais depois se repetiram. Formou-se em torno d'este nome de «campo de Tancos» uma lenda de dissipação, lenda perfeitamente phantastica, mas que penetrou de um modo tão profundo no espirito publico que o proprio Fontes não teve coragem depois de arcar com ella. E, emquanto as nações militares repetem todos os annos regularmente as suas grandes manobras de outono, unico meio de conservarem nos seus exercitos o espirito militar, e de lhes darem a instrucção indispensavel para o desempenho da sua alta missão bellicosa, Portugal continua tambem com a sua mesquinha indifferença, e com a despreoccupação fatal de que hade vir talvez a arrepender-se, a conservar o exercito na vida de guarnição e de quartel, interrompida apenas de quando em quando por uns insignificantes exercicios. Os 232 contos gastos em 1866 com o campo de Tancos, e gastos não só nas manobras d'esse anno, mas no estabelecimento do acampamento que devia ficar servindo para os annos ulteriores, foram considerados como o *nec plus ultra* da dissipação e do desperdicio!

Em todo o caso o exercito teve no tempo de Fontes Pereira de Mello uma incontestavel transformação. Appareceu a actividade, despertou o estimulo, e, sempre que Fontes Pereira de Mello voltou ao ministerio, imprimiu de novo, por um ou por outro modo, a esse grande corpo militar uma galvanisação que parava, apenas elle saía do poder.

Agora que a morte infelizmente nos permitte abranger n'um relance o conjuncto da vida politica de Fontes Pereira de Mello, este facto resalta com uma evidencia incontestavel. Approximando as suas quatro gerencias de 1866, 1871, 1878, e 1881, e comparando-as com as dos outros ministros que com elle se revezaram no poder, general Magalhães, marquez de Sá, Maldonado, Lobo de Avila, duque de Saldanha, Moraes Rego, Sousa Pinto, João Chrysostomo, José Joaquim de Castro, Sanches de Castro, visconde de S. Januario, é impossivel desconhecer a verdade da nossa affirmação, embora alguns procurassem muito nobremente seguir o seu impulso, e imitar o seu exemplo.

(Continúa).

Pinheiro Chagas.

O PRATICANTE

—Ferra, ferra a gavea! gritou o commandante do alto da ponte, agarrando-se á balaustrada para não ser precipitado.

O vento soprava com violencia, assobiando nas enxarcias retezadas. O navio, corria quasi em arvore sêcca um farrapo de vela á prôa, batendo no espaço.

Ondas enroladas, grandes como montanhas, cresciam pela ré e vinham despedaçar-se ruidosamente no costado, innundando todo o convez.

Para todos os lados, até ao horisonte, a vista apenas descobria um lençol collossal de espuma; dir-se-ia uma d'essas vastas planicies de neve das regiões polares.

A tempestade mugia sinistramente. O sol não apparecera ainda por entre as massas phantasticas de nuvens prenhes de ameaças que o tufão arrastava desordenadamente para o norte.

A espaços as nuvens rasgavam-se d'alto a baixo, abertas a relampagos, e trovões prolongados, rebentando de chofre, aprumo, enchiam a atmosphera de vibrações tremendas, que só muito depois se amorteciam ao longe n'aquelle grande deserto sombrio, cheio de vivos sinistros.

—Aguenta, aguenta esse leme! raios do inferno!

A uma centena de metros nascia, curvando-se em baixo, uma onda enorme: cresceu, cresceu, subiu, encabritou-se enrolada, espessa, ameaçadora, ao passo que o navio descia até aos mastareus...

Se rebentasse, tudo aquillo se desfazia.

Os marinheiros aterrados agarraram-se aos cabos. O commandante pallido e fóra de si, atirou-se á roda do leme que dois homens mal podiam suster.

Um instante depois o navio foi arrastado violentamente até ao cume d'uma montanha de agua, como se o levantassem milhões de braços de gigantes invisiveis, ficou ali por segundos, e tornou a descer novamente, a prôa no ar, para o grande fosso cavado á ré.

Mais um segundo e a vaga quebrou-se para avante, n'um rolo collossal de espuma que se estendia em linha recta de poente a nascente, na extensão de muitas milhas.

O vento rasteiro, em rajadas sacudidas, encrespava a crista do mar convulsionado. Uma nevoa delgada tornava mais triste o aspecto do oceano, e o ceu tisnado de informes borrões de nuvens parecia abaixar-se e cair.

Grandes gaivotas agoirentas vinham do largo, azas direitas, enfunadas de vento, pios doidos, revoluteando, em vôos rasgados e amplos, seguindo a esteira da embarcação.

Ia em toda a força a tempestade. Mas o navio era valente e rijo.

Construido nos estaleiros de John Jones & C.º, todo elle era solido que nem ferro—um athleta que sabia arcar com os elementos.

Ainda n'essa manhã elle se baloiçava por aquella campina liquida, serenamente, embalado com doçura pelo seu lençol de agua, vellas soltas, todas inchadas da brisa noroeste.

—Uma estampa! A rainha dos mares! Aquillo com dois dedos de panno e meia ração de vento deve dar tres córtes pela prôa ao mais pimpão!

E as marinhagens que a encontravam nas suas derrotas transatlanticas chegavam-se á amurada para a vêr singrar á bolina, airosa, elegante, toda fina, curvada, toda a um lado, cortando o mar, ou a um largo, escotas folgadas, direita que nem uma *lady* em dias de grande gala.

O seu primeiro nome fôra *River Mersey*, uma injustiça ás suas fórmas fidalgas d'uma correcção em que se nos iam os olhos.

Mas o novo armador mandou raspar os doirados da pôpa e baptisou-a em *Sereia*.

Era uma barca.

Nos portos portuguezes desde o Guadiana por toda a costa acima até ao norte, não ancorava navio mais brunido, nem mais catita. Quando ella entrava a barra do Porto, os velhos marujos, os gageiros velhos, os que tinham um pé ainda na praia, e o outro já a caminho do cemiterio, ficavam-se enlevados, os olhos cheios de lume, e até deixavam apagar os cachimbos só de vel-a.

—Que brinco, hein! Nem a minha Francisca no dia em que me casei! Pois olhem vocês que a minha santa de Deus, quando largava o panno todo e embandeirava em arco, era uma fragata de se lhe tirar o chapeu!

—Olé que sim! E foi você que lheu deu caça, mestre João, deixando a sotavento mais d'um corsario destemido que lhe andava na alheta. Coitada! bem depressa desarvorou a pobre da tia Francisca!

—Hum! hum! Coisas...

E o velho ficava-se a olhar, a olhar rio abaixo, um tremorsito no queixo, talvez sem vêr a *Sereia* que largava ferro, toda pintadinha de fresco, lusidia e branca como um cysne.

Podéra! Pois se o commandante era o Lobo, um rapagão espadaúdo, vermelho como um inglez, loiro como a Virgem do Rosario, valente como um tufão e amante do seu navio, que nem eu sei!

Até se podia lamber o mel no convez. A roda do leme brilhava mais que um sol, e o sol todo elle se envaidecia a remirar-se n'aquelle resplendor!

E a marinhagem então? Da mais escolhida entre os corajosos. Desde o immediato até ao moço a respeito de medo, vistel-o.

Arrojados e fortes, e alegres como melros. Um grupo de irmãos todos elles e amigos do commandante a mais não ser, que bastava elle abrir a bocca para andar tudo n'uma roda viva para o servir.

—Vá, rapazes! É largar as fraldas da pequena que a brisa é de feição!

E era um prompto em quanto o vellame se desenrolava.

—Quer então seguir viagem no navio?

—Quero. A terra enjôa-me, e o mar é a minha vocação.

—Mas conhece-o?

—Conheço. Não é a primeira vez que em barco. Aqui estão os meus papeis...

N'essa tarde o commandante matriculou-o como praticante.

Era um rapaz de vinte annos, alto, olhos vivos, instaveis, rasgados, cabelleira farta e escura, modos ageis, flexivel e direito, com alguma coisa de effeminado no todo.

Dez dias depois Theodoro era querido e respeitado pelos marinheiros em peso que se lhe affeiçoaram de alma com a expontaneidade das suas naturezas rudes e francas.

Nunca a bordo entrára pulso mais firme, nem gageiro mais atrevido. Lobos do mar encanecidos ficavam de boca aberta se o viam trepar pelos cabos até ao mastaréo da gavea.

Em dias de borrasca ninguem subia mais ligeiro a ferrar panno. Mas não era só isso. Manejava o sextante, marcava uma derrota e mandava uma manobra como o primeiro.

E em horas de calmaria, á sombra das vellas que pendiam immoveis, quando a barca ondulava docemente ao sabor da vaga adormecida, era um gosto vel-os na tolda, fazendo circulo, ouvidos bem abertos para o ouvirem discorrer sobre as estrellas, sobre as marés, sobre viagens, na sua linguagem pittoresca, attrahente, retocada de peripecias, de lições nauticas, de notas, de côr e de luz.

Theodoro era algarvio, uma alma essencialmente poetica e sonhadora, amando a liberdade sadia do oceano, tendo em terra a nostalgia do mar e no mar essa vaga melancolia dormente dos contemplativos.

Ás noites, sentado á amurada, o olhar alongando-se-lhe pela vastidão serena e deserta, ficava indefinidamente, esquecido, absorto, embalado pelo marulhar mysterioso das vagas mansas que segredavam doces queixas saudosas e promessas côr de alvoradas ao seu espirito cheio de visões e de risos.

É que haveria talvez na sua provincia, quasi banhada pelo Mediterraneo, no seu paiz perdido para alem d'aquella nebrina que se adelgaçava para o horisonte, algum outro olhar doce, meio velado de agua, e um lenço branco a acenar-lhe de longe n'um adeus.

O Algarve fizera-o assim: rouxinol sem voz, poeta sem rimas. Mas lá dentro haveria os fremitos d'um ideal branco como a lua e candido como a sua infancia.

(Continúa).

Lorjó Tavares.

RESENHA NOTICIOSA

Museu Ricardo Wagner. Inaugurou-se em Vienna, na Allé-Garse, um museu dedicado á memoria de Ricardo Wagner. Reuniu-se n'este museu uma collecção de retratos de Wagner em differentes idades, alguns manuscriptos seus e varios objectos de uso do grande maestro.

Greve no Vaticano. Os meninos do côro de S. Pedro de Roma fizeram *greve* recusando-se a ajudar aos officios divinos emquanto lhes não forem augmentados os seus honorarios. É curioso.

Exposição Industrial do Porto. O jury da secção de Bellas-Artes da exposição industrial do Porto, conferiu medalhas e diplomas de premio aos seguintes expositores: Adolpho Nunes,

EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA DE BELLAS-ARTES

PRAIA DE BANHOS, NA POVOA DE VARZIM

(Quadro de Marques Guimarães — Desenho de J. R. Christino)

retratista, medalha de ouro; Alberto Nunes, idem, diploma de merito; Eduardo Moura, alumno da Academia Portuense, diploma de 1.ª classe; Joaquim Marinho, dito de 2.ª classe; Carmo Reis, e D. Luiza Ribeiro da Cunha, mensão honrosa; e em esculptura, diploma de 1.ª classe a Simões de Almeida; diploma de merito a Teixeira Lopes (filho); dito de 2.ª classe a A. Couceiro; mensão honrosa a Albino Ribeiro da Silva.

Diploma de honra. O distincto photographo amador o sr. Carlos Relvas obteve o diploma de honra, na grande exposição photographica de Florença. É mais uma recompensa honrosa para o illustre artista amador.

Estatua de José Estevão. Já deu entrada nas officinas do Arsenal do Exercito, o modello em gesso da estatua de José Estevão, obra do esculptor Simões d'Almeida, destinado ao monumento do grande tribuno, que vae ser levantado em Aveiro, sua terra natal.

Fallecimento. Falleceu na Bahia, com 52 annos de idade, o jornalista portuguez Manuel da Silva Lopes Cardoso, que ha annos fôra para o Brazil tentar fortuna.

Fundára na Bahia alguns jornaes sendo o ultimo o *Diario de Noticias* de que era proprietario e redactor. Lopes Cardoso era um bom caracter, a quem a fortuna nem sempre sorriu. Descanse em paz.

Outro. Falleceu em Madrid o conhecido jornalista hespanhol D. André Solis fundador do jornal *Progresso*. Militou por muitos annos na arena da imprensa monarchica, mas nos ultimos tempos, seguiu com verdadeira dedicação a politica de Ruiz Zorrilla. A politica arruinou-o, fazendo-lhe perder uma boa fortuna. D. André Solis foi correspondente de alguns jornaes de Lisboa.

Incendio em theatro. O theatro de Hurley, em New York foi destruido por um incendio fazendo 17 victimas. Com o theatro arderam alguns predios visinhos.

Lapide commemorativa. Vae ser collocada no palacio das Necessidades, n'uma das paredes exteriores dos aposentos que foram habitados por el-rei D. Fernando, uma lapide commemorativa dos serviços prestados pelo Rei artista, ao progresso das artes em Portugal.

Pontes do Lucalla. Foram officialmente inauguradas no dia 25 de maio ultimo as tres magnificas pontes sobre o rio Lucalla e seu affluente Cabixa. A estas pontes deu-se a denominação de Pinheiro Chagas em attenção a ter sido este cavalheiro, quando ministro da marinha, que auctorisou a sua construcção. Foi uma festa enthusiastica, presidindo o sr. Marquez das minas director das obras publicas, representando o governador da provincia Guilherme Capello, e em que tomaram parte o conductor Cordon, que dirigiu os trabalhos de construcção, o chefe Cambambe Trigo Teixeira, presidente da camara de Cazengo, presidente da camara do Dond e muitos outros cavalheiros. Nos discursos proferidos alludiu-se largamente ao ministro da marinha sr. Pinheiro Chagas e ao auctor do projecto das pontes o engenheiro sr. Claudio Faro. D'estas pontes publicou o *Occidente* em o n.º 297 duas gravuras representando-as.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Seis annos de reinado, *romances historicos, primeira parte, A Herança do Cardeal*, por Carlos Pinto d'Almeida, Bibliotheca Universal de Lucas & Filho, editores, Lisboa, 1887. O nome do sr. Carlos Pinto d'Almeida, auctor d'este romance, é bastante conhecido para que aqui façamos a sua apresentação aos nossos leitores. Os seus romances publicados em folhetins no *Diario de Noticias*, e pela empreza *Horas Romanticas*, revelaram sufficientemente a sua feição de romancista portuguez, que, respigando na historia de Portugal tantos factos notaveis, d'elles tem tirado motivos para os seus romances, que se não tem o imprevisto de uma imaginação fecunda, ou o brilho de um estylo possante, tem o merito de serem pedaços de historia patria romantisada, com que se vulgarisa entre o povo o conhecimento de factos que elle d'outro modo ignoraria, privando-o das lições da historia que são sempre as mais proveitosas. *A Herança do Cardeal*, cuja acção se passa nos fins do primeiro quartel d'este seculo e principios do segundo, durante o reinado do terror de D. Miguel, dá uma idéa muito caracteristica do viver d'aquelles tempos de perseguições e excitação politica, que tantas desgraças produziu, e faz desfilar diante do leitor alguns typos sympathicos d'aquella época anormal, de companhia com outros tristemente celebres pelo seu zelo feroz pelo governo de então, zelo que levou ao patibulo tantos desgraçados innocentes. Esta época está tão pouco estudada e historiada, que o romance do sr. Carlos Pinto d'Almeida tem todo o interesse para o leitor.

Historia da Revolução Portugueza de 1820, por José d'Arriaga. Lopes & C.ª successores de Clavel & C.ª, editores, Porto. Fasciculos 13 e 14 d'esta magnifica obra, acompanhados dos retratos de José Joaquim Ferreira de Moura, Duarte Lessa, Joaquim Machado de Castro, José Correia da Serra, Silvestre Pinheiro Ferreira, Vieira Lusitano, Paschoal José de Mello e Dr. Felix de Avellar Brotero.

Contos em prosa, por J. Simões Dias. Bibliotheca Universal de Lucas & Filho, editor, Lisboa, 1887. Não é um livro novo, mas uma segunda edição, o que tanto basta para o recommendar por si mesmo, sem reclame. O nome do seu auctor, que tem firmado varias producções litterarias conhecidas do publico, é tambem uma garantia do valor d'este livro, a respeito do qual já se fez a critica, quando appareceu á luz pela primeira vez, em primeira edição.

Miguel Strogoff, *primeira parte, o correio do Czar*, por Julio Verne, traducção de Pedro Vidoeira, David Corazzi, editor, Lisboa. Este livro faz parte da grande edição popular das viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos, que se tem tornado verdadeiramente popular, tanto pela sua extrema barateza, como pelo incontestavel merecimento das obras de Julio Verne que fez criar o gosto pelo romance sob uma feição scientifica que instrue sem fadiga.

Revista de educação e ensino, *publicação scientifica dedicada especialmente aos assumptos pedagogicos, agricolas e zootechnicos*, directores João de Almeida Pessanha, J. Antunes Pinto e Manuel Ferreira; administrador, Eugenio Leitão. Lisboa, n.º 6 da segunda série, de 15 de junho de 1887. É variada a sua collaboração e de grande valor scientifico.

Impressões, *versos*, por Ignez Sabino Pinho Maia, Pernambuco. Vem do Brazil este livro de versos e é firmado por um nome feminino, uma poetisa que já tem publicado outras producções da sua lyra, no que mostra toda a coragem do seu espirito poetico, uma tendencia irresistivel para o verso, embora as musas lhe sejam de vez em quando ingratas. Respeitemos tanta tenacidade no sexo fragil.

Archivo dos Açores, *publicação periodica destinada á vulgarisação dos elementos indispensaveis para todos os ramos da historia açoriana*, nono volume, numero XLIX, Ponta Delgada, 1887. Continúa regularmente esta importante publicação, que tem feito vêr a luz publica a tantos documentos historicos que sem ella ficariam sempre ignorados no pó dos archivos.

Typ. Castro Irmão — Rua da Cruz de Pau, 31 — Lisboa